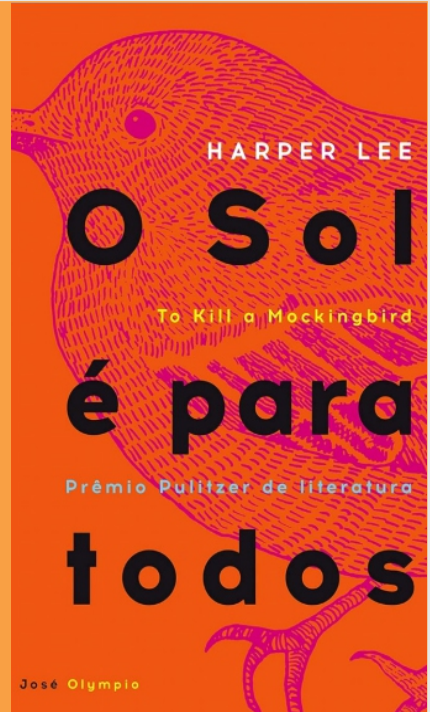


Livro vencedor do Pulitzer em 1961 e inspirador do filme homônimo, vencedor do Oscar de Melhor Roteiro Adaptado de 1962, ***O sol é para todos*** (To Kill a Mockingbird), da romancista americana Nelle Harper Lee, é considerado um dos romances norte-americanos mais importantes do século XX. O sol é para todos surpreende pela atualidade de seu enredo e estilo. A lamentável permanência do tema, o racismo, percorre a narrativa de Scout, criança sensível e filha do advogado Atticus Finch, responsável pela defesa de um homem negro acusado de estuprar uma mulher branca em Maycomb, pequeno município de Alabama, no sul dos Estados Unidos, no início dos anos 1930. Os sentimentos que cercam a família e a cidade de Scout — desde que Atticus se dispôs a cuidar do famigerado caso — são nossos velhos conhecidos: o preconceito racial e social, o conformismo diante das injustiças e a mais pura malícia destilada em relações banais e familiares. Apesar da crua humanidade desses personagens, Scout enxerga a realidade com o frescor dos olhos infantis e conta sua história, deixando um improvável rastro de esperança. Scout narra a rotina de um ambiente rural e pacato, as férias de verão com o irmão, Jem, e o melhor amigo deles, Dill, a curiosidade sobre os vizinhos, as travessuras inventadas, as aventuras na escola e a vida em família. O conjunto de pequenos casos nos transporta a um lugar de aparente quietude. No entanto, esse suposto relaxamento se transforma em desespero quando vemos a reação da população de Maycomb diante da denúncia contra Tom Robinson. ***O sol é para todos***, até hoje, vende mais de um milhão de cópias por ano em língua inglesa. É uma história atemporal sobre tolerância, perda da inocência e conceito de justiça.



O Centro Cultural Banco do Brasil apresenta a mostra ***Amazônicas: Poéticas Femininas***. Com curadoria e direção artística de Sissa Aneleh, a exposição apresenta trabalhos produzidos desde a década de 1970 até os dias atuais. Pintura, escultura, fotografia, gravura, objetos, arte digital e videoarte estão entre as linguagens utilizadas pelas artistas. A proposta é mostrar a Amazônia para além da ideia de paisagem. Nas obras, o território aparece relacionado a temas como ancestralidade, identidade, gênero, memória, espiritualidade, diversidade e pertencimento. A exposição reúne 80 obras de 21 artistas do Pará, Acre e Amazonas e propõe um mergulho na diversidade de narrativas, memórias e identidades ligadas à Amazônia. A abertura aconteceu justamente na semana do Dia da Amazônia, comemorado em 5 de setembro, e a mostra fica em cartaz até 16 de novembro, ocupando as salas do segundo andar do CCBB. A entrada é gratuita com ingressos disponíveis para retirada pelo site de cultura do Banco do Brasil – <https://ccbb.com.br/rio-de-janeiro/> ou diretamente na bilheteria do CCBB.



CCBB - Rua Primeiro de Março, 66 – Centro

Sucesso de público em 2026, o filme dinamarquês ***A mulher secreta*** estreou na Netflix. Dirigido por Barbara Topsøe Rothenborg, escrito por Anders Frithiof August, Barbara Topsøe-Rothenborg e Anna Ekberg e estrelado por Natalie Madueño, Claes Bang, Ingrid Bolsø Berdal, o longa conta a história de Louise Andersen, uma mulher que leva uma vida tranquila ao lado do companheiro, Joachim, em uma pequena ilha da Noruega, onde administra um café. Essa rotina muda quando um desconhecido afirma que ela não é Louise, mas Helene Söderberg (Natalie Madueño), uma mulher dinamarquesa que desapareceu há três anos. Agora com dúvidas e intrigada pelas lacunas em sua memória, ela abandona a vida que conhece e parte em busca das respostas sobre o próprio desaparecimento. Conforme investiga o passado, Louise encontra pistas sobre a noite em que desapareceu e percebe que sua antiga vida estava longe de ser tão perfeita quanto parecia. Ao assumir a identidade de Helene, ela se aproxima de uma verdade capaz de transformar completamente sua visão sobre quem é e por que decidiu desaparecer. Disponível na Netflix.



Você Sabia?

Você sabia que o nome do nosso país vem de uma árvore? Quando os portugueses chegaram ao Brasil, encontraram uma árvore: o ***pau-brasil***. Uma árvore típica da Mata Atlântica (Pau-brasil echinata) e que, no século XVI, era conhecida pelos indígenas tupis como ibirapitanga. Ela pode alcançar 15 metros e tem espinhos. A árvore ganhou importância para os portugueses por conta da sua madeira, que poderia ser utilizada na construção de inúmeros objetos, mas, principalmente, porque a resina da madeira era utilizada para produzir corante para tingir tecidos. O consenso atualmente é que o termo ***brasil*** fazia referência à resina avermelhada. As historiadoras Lília Schwarcz e Heloísa Starling sugerem que o termo ***brasil*** vem do termo latino brasilí, que significa “cor de brasa”. As Ordenações Manuelinas e Filipinas criaram regras e limites para explorar terra, água e vegetação. Em 1550, havia uma lista de árvores reais protegidas por lei. Isso deu origem à expressão “madeira de lei”. Em 1530, o pau-brasil representava 90% das exportações brasileiras e 5% da receita total do tesouro português. Ao contrário de falsas narrativas, a extração do pau-brasil por Portugal foi muito racional. Graças a ela, manteve-se grande parte da floresta atlântica até o final do século XIX. O pau-brasil não foi a causa do desmatamento da Mata Atlântica, fato bem posterior. Em 1850, a descoberta do corante anilina na Alemanha e sua fabricação industrial retiraram paulatinamente o pau-brasil do mercado. Um produto da química moderna e industrial substituiu a cor natural do pau-brasil. Em 1875, foi registrada a última exportação. Graças a essa bela árvore, hoje somos, com muito orgulho, brasileiros.



O tom avermelhado (*brasilí*) extraído da resina do pau-brasil era utilizado para tingir tecidos na Europa.